

REVOLUÇÃO / 1975

um filme de Ana Hatherly

Realização, Fotografia e Produção: Ana Hatherly / **Direcção de Som:** Alexandre Gonçalves / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa, em DCP, cor, som (2ª versão, 2001) / **Duração:** 12 minutos / **Primeira exibição na Cinemateca:** Abril de 1984, Ciclo “25 de Abril, Imagens”.

Revolução é apresentado juntamente com **As Armas e o Povo** (“folha” distribuída em separado).

“O experimentador, como experenciador, aproxima a arte da vida, assumindo a responsabilidade de uma subversão da ordem estabelecida, pela qual a criatividade se torna gesto revolucionário.”

Ana Hatherly, *in* prefácio de *Um Calculador de Improbabilidades*

Para além do seu vasto trabalho criativo no domínio da literatura e das artes plásticas, Ana Hatherly também se dedicou ao cinema. Hoje mostramos **Revolução**, o seu mais importante filme que se relaciona diretamente com o período revolucionário e que se relaciona diretamente com o período revolucionário. a que se juntam dois outros títulos posteriores, **Diga-me, o que é a Ciência? – I e II** (1976). Três filmes que, como nos referiu a artista numa conversa que precedeu uma sessão programada nos 40 anos do 25 de Abril, em que esteve presente na Cinemateca, participam de uma mesma vontade de “dar a voz ao povo”. **Revolução** faz assim parte de um trabalho por norma “experimental”, na comum acepção do termo, concentrando-se nos imponentes murais e palavras de ordem pintadas nas “paredes da revolução”, que corresponderam a um dos mais simbólicos modos de apropriação e de intervenção no espaço público.

Ana Hatherly é frequentemente considerada como uma criadora em permanente derivação: uma escritora que derivou para as artes visuais através de uma experimentação constante com a palavra, e uma pintora que derivou para a literatura através dessa mesma experimentação. Elemento activo do grupo da Poesia Experimental Portuguesa dos anos 60, autora e tradutora de inúmeras obras literárias que atravessam a poesia visual, o romance ou o ensaio, pintora, investigadora no domínio da literatura barroca, Ana Hatherly tem desenhado desde o final da década de 50 um intenso e multifacetado trabalho criativo que, partindo da escrita, se materializa no desenho, na pintura, ou mesmo na *performance*, assim dissolvendo fronteiras.

Revolução é a sua obra cinematográfica que sucede a um raríssimo conjunto de filmes de animação, realizados em 1974 e produzidos pela International London Film School, a escola em que, em meados dos anos 70, Hatherly prosseguiu uma especialização no domínio da animação. Filmes de animação que são trabalhados pela artista no limite da

figuração e da abstracção e que aproveitam plenamente a capacidade metamorfoseadora do cinema em que, através do movimento Hatherly, confere dinamismo à escrita ou às figuras pintadas directamente na película, evocando os mecanismos dos seus trabalhos em papel. Filmes manifestamente exploratórios que, antecipando **Revolução**, evocam a experimentação constante que tem atravessado toda a obra de Ana Hatherly que, estendendo-se aos mais variados domínios e suportes, inclui assim o próprio cinema. À data já era vastíssimo o seu trabalho nos domínios da literatura e das artes visuais, mas esta incursão pelo cinema revela-se como um real reflexo do espírito aberto que sempre presidiu a toda uma obra.

Originalmente filmado em Super 8 e posteriormente ampliado para 16mm, **Revolução** estreou na Bienal de Veneza de 1976. A sonorização coube a Alexandre Gonçalves, que assim iniciou uma colaboração com Hatherly, que se estendeu aos filmes seguintes. Em 2001 Hatherly alterou ligeiramente a banda sonora do filme, substituindo uma das suas músicas no sentido de alguma depuração, sendo essa a versão que desde então tem sido mostrada em várias exposições, e que agora é mostrada pela primeira vez na Cinemateca numa cópia em DCP recentemente produzida, com base nos materiais fílmicos originais.

Revolução é um filme excepcional que revela como a concepção lúdica da criação por parte de Hatherly se desenvolve simultaneamente com uma dimensão ética e política extraordinárias, assim se prolongando a todos os domínios. Como escreveu no prefácio do livro *Um calculador de Improbabilidades*, “o experimentador, como experienciador, aproxima a arte da vida, assumindo a responsabilidade de uma subversão da ordem estabelecida, pela qual a criatividade se torna gesto revolucionário.” **Revolução** é um trabalho eminentemente revolucionário, que assim se junta a outras explorações artísticas de Hatherly, como os seus famosos cartazes “As Ruas de Lisboa” (1977), em que a artista rasgava e roubava restos de cartazes das paredes das ruas da capital, ao mesmo tempo que os registava para o filme. Curiosamente, não obstante a sua especificidade, os *Neograffitis* pintados por Hatherly já nos anos 2000 fazem parte deste mesmo interesse pela arte de expressão urbana.

Revolução participa assim da já referida vontade de “dar voz ao povo”, que se tornava particularmente urgente dado um silenciamento associado a muitos anos de ditadura, e que aqui testemunhamos através do registo das frases, palavras, cartazes e pinturas murais, que se sucedem a um ritmo de montagem estonteante, mas também da portentosa montagem sonora dos discursos, das palavras de ordem e das canções entoadas pelas multidões.

Joana Ascensão